

P0271

REY  
CLI 0269  
SIST. 59322

03a0050-49 (29c)

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre a magia de Proust
5. Porto Alegre
6. 20 de outubro de 1949
7. nº 17
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 29 de abril de 1974

#### MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Para onde vão estes instantes que passam por nós como a torrente em torno das pedras? Para onde vão as horas que envolveram momentos de nossa existencia numa atmosfera diferente da que satura o espaço inerte do cotidiano?

Certos momentos que se gravam com seus gestos, a presença invisível dos jasmims como nessa manhã que vai recuando pelo silêncio do tempo... Esses fragmentos de vida, para onde vão? Como recúa, e aos poucos, emudece nessa câmara da memória, entre penumbras de aquario, aquilo que foi ondulação e relevo, e era nitido e presente na sua urgencia de vida como a sonora agitação de um baile. As vezes de novo aquelas máscaras readquirem pulsação e mistério, passam e repetem o mesmo momento antigo, e esse momento vem envolto num aroma do passado, como diria nosso amigo João Silva.

Prender esses instantes que são a vida passando, conservá-los como borboletas sob a lâmina de vidro da caixa de recordações, a cor brilhante das asas na permanência nitida do sempre o mesmo, a imobilidade dos negros igual a daquele momento em que o inseto único pousou seu efêmero esplendor sobre uma corola que o reteve durante alguns segundos, enquanto o entardecer dourava a fluida superfície das coisas. Eternisar esses breves segundos de pouso da minuciosa indústria do mel numa existência entomológica de duração apenas limitada pela ação do sulfureto de carbono. Conservar os momentos para poder revivê-los. Os momentos perfeitos que todo mundo encontra ao longo da existência, uns mais, outros menos. Recuperá-los e conservá-los como fazia Marcel Proust, e isso foi toda a sua obra, como um sonho desfigurado pela recordação e fixado pelo impulso literário de uma vida que se tornara misteriosamente noturna.

A criança em Balbec, o menino distante de Combray, o moço, o homem maduro de Paris! Os caminhos que levavam a Swan, que levavam a Guermantes, de novo úmidos da primeira impressão infantil vitalizada pela fascinação daquela sensibilidade tão aguda que tocava os limites da enfermidade. Des hora inicial de sua vida despertando para sentir o mundo em torno como envoltório mágico. Proust começou a viver seus momentos perfeitos. O prazer e a dor numa natural alternativa enriqueceram sua existência. Depois quando chegou a hora de pensar e indagar para onde

teriam ido esses instantes, para onde teriam fugido esses momentos com o seu aroma virginal de surpresa ou a sua careta de dor ou de gozo, depois apareceu o escritor para se libertar de todos esses fantasmas. Então menino antigo estava de novo presente com o seu mundo invisível. De novo as torres e os sinos de Martin ville ao crepúsculo, como há tanto, tanto tempo numa volta da estrada, as torres quase douradas e a voz daqueles sinos saindo do tempo como conchas sonoras de um mar desconhecido e próximo. Para sempre todos os momentos do amor, para sempre todas as vertigens devoradas pelo abismo das horas, para sempre, como a coleção de borboletas de um estranho naturalista, que também fosse poeta sem escrever mas vivendo, que também fosse uma doente para o mundo dos pobres homens normais com a sua solidez e a sua opaca superfície.

A magia de Proust está nisto: ele indagou e encontrou. Ele recuperou, vivos e talvez obscuros às vezes, não importa, os momentos que se vão levados pela torrente e que às vezes, quando voltam, não em palavras mas num perfume ou na produção de um gesto, fazem correr de novo as lágrimas antigas.